

**INVISIBILIDADE DOS ANIMAIS NA EDUCAÇÃO
BÁSICA E NA FORMAÇÃO DE PROFESSORAS: UMA
APOSTA ANTIESPECISTA**

**LA INVISIBILIDAD DE LOS ANIMALES EN LA
EDUCACIÓN BÁSICA Y LA FORMACIÓN DEL
PROFESORADO: UNA APUESTA ANTIESPECISTA**

**INVISIBILITY OF ANIMALS IN BASIC EDUCATION
AND TEACHER FORMATION: AN ANTI-SPECIESIST
BET**

Enviado: 15.09.2024

Aceptado: 21.11.2024

Ana Luiza Gonçalves Dias Mello

Doutora em Educação pelo Programa de Pós graduação em Educação, Processos
Formativos e Desigualdades Sociais (PPGEdu) da UERJ.

Email: analuiza_uff@yahoo.com.br

Rosimeri de Oliveira Dias

Professora Titular do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em
Educação: Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de
Professores de São Gonçalo da UERJ.

Email: rosimeri.dias@uol.com.br

O artigo é efeito de uma pesquisa-intervenção que acontece entre escola e universidade para colocar em análise a invisibilidade dos animais. Pesquisa que, com seu modo cartográfico, afirma o antiespecismo como um *ethos*, como um modo de viver que busca perceber e problematizar as relações de opressão produzidas contra outros seres, sejam humanos ou de outras espécies. Com o intuito de captar e narrar o que acontece no plano das forças moventes de uma formação inventiva, o texto se organiza em dois momentos, escola básica e formação de professoras. Junto com estes momentos, há escritas de diário de campo de uma das pesquisadoras, grifadas em itálico, para acompanhar os devires que ganham forma. A aposta é a de forçar o pensamento a pensar em uma alteridade radical, agenciando deslocamentos e desnaturalizações para a criação de desmontagens e invenções de outras formas de se relacionar com os seres viventes e consigo.

Palavras-chave: especismo, formação inventiva de professores, educação antiespecista.

El artículo es el resultado de una investigación-intervención que se desarrolla entre la escuela y la universidad para analizar la invisibilidad de los animales. Esta investigación, con su enfoque cartográfico, afirma el antiespecismo como un *ethos*, como una forma de vida que busca percibir y problematizar las relaciones de opresión producidas contra otros seres, sean humanos o de otras especies. Para captar y narrar lo que ocurre en el plano de las fuerzas vivas de una educación inventiva, el texto se organiza en dos partes: escuela primaria y formación del profesorado. Junto a estos momentos, hay entradas del diario de campo de una de las investigadoras, destacadas en cursiva, para acompañar el devenir que va tomando forma. El objetivo es forzar al pensamiento a pensar en términos de alteridad radical, creando desplazamientos y desnaturalizaciones para desmontar e inventar otras formas de relacionarse con los seres vivos y consigo mismos.

Palabras clave: especismo, formación inventiva de profesores, educación antiespecista.

The article is the result of a research-intervention that takes place between school and university to analyze the invisibility of animals. This research, with its cartographic approach, affirms anti-speciesism as an *ethos*, as a way of living that seeks to perceive and problematize the relations of oppression produced against other beings, whether human or of other species. To capture and narrate what happens at the level of the moving forces of an inventive formation, the text is organized into two moments: animals in elementary school and animals in teacher training. Alongside these moments, there are field diary entries by one of the researchers, highlighted in italics, to accompany the becomings that take

shape. The aim is to force people to think in terms of radical alterity, creating displacements and denaturalizations in order to dismantle and invent other ways of relating to living beings and to oneself.

Keywords: speciesism, inventive teacher formation, anti-speciesism education.

1. Introdução

Uma coisa que me chama atenção toda vez que falo de especismo e dos modos como nos relacionamos com os animais, especialmente em turmas de Pedagogia ou em eventos da educação, é como sempre há muitas pessoas que falam "nossa, eu nunca pensei nisso!" ou "nunca parei para pensar como as vacas ou porcos vivem ou se sentem". Há alguns anos, essa é a fala mais comum. Há também alguns que comentam que já sentiram pena, especialmente quando eram crianças ou em algum momento em que presenciaram um abate de uma galinha ou de um porco, mas se convenceram de que "fazia parte", de que "as coisas são assim mesmo". Alguns não falam nada. Mas muitos, muitos adultos, inclusive que amam seus cachorros e gatos, podem manifestar, surpresos, que nunca pararam para "pensar em nada disso". Isso me dá a ideia de que a invisibilidade dos animais, de suas vidas, de seus sentimentos e subjetividades, talvez seja uma das grandes ferramentas de manutenção do especismo. Convivemos com eles de modo cotidiano, mesmo que seja com seus corpos dentro da geladeira. No entanto, o que sabemos sobre eles? O quanto nos questionamos sobre o que fazemos com suas vidas até que chegassem às prateleiras do supermercado? Como a escola e a universidade podem ajudar a produzir estes ou outros modos de ver os seres de outras espécies e de se relacionar com eles? (Diário de campo, Ana Luiza Mello, setembro de 2024).

Este artigo se propõe a pensar algumas das formas pelas quais aprendemos a nos tornar tão especistas¹. Como podemos ignorar e invisibilizar tantos outros seres, seus modos de vida, a forma como os tratamos? Como nos hierarquizamos a ponto de naturalizar a dominação e a violência cotidiana contra milhares de seres? Em que sentidos uma formação inventiva (Dias, 2012) pode problematizar o especismo e instigar a produção de modos outros de ver e de se relacionar com o restante da natureza, nos quais animais não sejam tidos como objetos de propriedade, oprimidos, expostos à exploração de seu corpo e à privação de sua liberdade? De que formas a naturalização do especismo nos autoriza a ensinar, na escola e na universidade, práticas violentas como algo normal, natural e necessário? Como ainda utilizamos a cultura e nossos valores coloniais para romantizar e justificar essas práticas? Que dispositivos estão envolvidos na captura da empatia, do encantamento, dos devires e na promoção da dominação?

¹ Especismo, termo criado por Richard D. Ryder na década de 70, pode ser definido como a opressão sofrida por não pertencer a nossa espécie (Oliveira, 2021).

Para isso, tomamos como base a pesquisa-intervenção (Rocha e Aguiar, 2003) que vem sendo realizada pelas autoras nos últimos anos, em escolas públicas e universidades localizadas em uma área de periferia urbana do estado do Rio de Janeiro (Mello, 2013; 2015; 2016, 2018, 2019, 2020, 2021, 2023a 2023b, Mello e Dias, 2020, 2022a, 2022b, 2022c). Uma pesquisa que, com seu modo cartográfico, afirma o antiespecismo como um *ethos*, como um modo de viver que busca perceber e problematizar as relações de opressão produzidas contra outros seres, sejam humanos ou de outras espécies.

Partimos do princípio de que o especismo é uma opressão, e como tal, se apoia e se retroalimenta de outras opressões. Assim, não é possível pensar um antiespecismo capitalista, racista, misógino, homofóbico, capacitista ou que atue em consonância com qualquer forma de dominação. O antiespecismo é política, é uma aposta ética que se faz a cada instante, como tudo que questiona o que é hegemônico. E assim forma, desforma, transforma, produzindo outras possibilidades de ver e de se relacionar com os demais seres e consigo mesmo.

Neste movimento de problematizar e desformar para dar espaço a outras maneiras de ser, apostamos na formação inventiva. Como afirma Rosimeri Dias (2012), a proposta de uma formação inventiva é fazer com o outro, é criar outros modos de viver, aprender e desaprender, e não apenas instrumentalizar com novas tecnologias ou propor uma consciência crítica. “Uma formação inventiva é exercício de potência de criação que constitui o vivo, é a invenção de si e do mundo, que se forja nas redes de saberes e fazeres produzidas histórica e coletivamente” (Dias, 2012, p.36).

Com estes movimentos conceituais, formação inventiva e antiespecismo, colocamos em análise a questão da invisibilidade animal na escola básica e na formação de professoras por meio de pesquisa-intervenção (Rocha e Aguiar, 2003), com seu modo cartográfico (Deleuze e Guattari, 1997). É importante dizer para o leitor que usaremos trechos de diários de campo (Lourau, 1993; Dias, Secron e Mello, 2023) de uma das autoras. Os diários neste artigo aparecem em itálico e funcionam como escritas e escutas das práticas micropolíticas com os eixos de análise e de intervenção para fazer funcionar uma máquina de ver e de falar estratégias e saídas que lutam contra o especismo na educação básica e na formação de professoras. São produzidos assim sem a intenção de descrever ou emitir opiniões, mas, sobretudo, captar e narrar aquilo que se dá no plano intensivo das forças e dos afetos (Barros e Kastrup, 2009).

2. Os animais na escola básica

Bem mais do que nas universidades, na escola básica os animais estão, de alguma forma, mais presentes. De que maneiras? Muitas vezes como figuras decorativas, nos murais, desenhos e decorações da sala, ou como personagens antropomorfizados, nas histórias, filmes, literatura, ou ainda como objetos de estudo de suas características físicas e ecológicas. Muito pouco ou nada se fala de suas subjetividades, senciência ou singularidades. Sobre como vivem, seus comportamentos e gostos, como se relacionam com os demais, como parecem se sentir diante das situações, como se diferem individualmente uns dos outros, o que os afeta... Pergunte a uma criança o que ela sabe sobre uma vaca? Ela, provavelmente, sabe que as vacas “dão leite” (como assim?), que vivem no pasto (será?), que comem grama (se for leiteira, talvez nem chegue perto). Ela normalmente não sabe que as vacas só “dão leite” quando têm um filhote (como qualquer mamífera), muito menos que são separadas dele para que o humano possa retirar o leite para si, que são inteligentes, sensíveis, que costumam fazer melhores amigas, que emitem inúmeras vocalizações para expressar, que são cuidadosas e brincam com seus filhotes, quando podem...

O estudo a respeito dos animais, para Mello (2021), em todo período escolar, pode ser resumido em classificações e seus critérios. Na Educação Infantil e primeiras séries do Ensino Fundamental isso já se apresenta de várias formas. A identificação de características específicas como coberturas de pele e seus acessórios (penas, pelos, presença de bicos, asas, chifres, etc.), presença/ausência de ossos, vão subsidiar outras classificações aprendidas nos anos posteriores, como a divisão em mamíferos, aves, répteis, anfíbios e peixes, ou vertebrados e invertebrados (Mello, 2019; Mello e Dias, 2020). Sem falar em outras classificações ainda mais explicitamente especistas, como a divisão dos animais em úteis e nocivos, ou ainda em “de produção” ou “de estimação”. O estudo dos animais, tanto no ensino fundamental como no médio, se limita a aspectos fisiológicos, anatômicos e taxonômicos, à relações ecológicas dos silvestres e aos produtos obtidos dos domésticos tidos como de produção. Essa ausência de uma análise menos pragmática e superficial da vida dos animais e da ética envolvida em nossos modos de nos relacionar com eles é respaldada tanto pelos documentos oficiais curriculares como pela cultura especista em que estamos inseridos.

Neste movimento de categorizações também é reafirmado o “papel” que os animais têm a cumprir em uma lógica completamente antropocêntrica. Desde antes da alfabetização, as crianças aprendem que dos animais “úteis” podemos obter diversos produtos (carne, leite, ovos, lã, mel, transporte, couro...). Todo o processo é omitido, mas o “produto” é reafirmado. Como se fosse uma condição natural dos animais “nos fornecer” carne, leite, ovos... Sempre com desenhos fofinhos, os animais sorridentes são associados aos produtos que eles nos

“fornecem”. É como se eles nos dessem tais produtos, talvez em gratidão por termos alimentado e “cuidado” deles. Nós os fazemos nascer, os submetemos a uma vida triste e agonizante, e depois a morte, para obter os tais produtos. Mas as crianças estão vendo animais fofinhos e sorridentes, cumprindo seu papel na Terra e nos fornecendo (que bom!) seus deliciosos produtos, como agradecimento ao cuidado que temos com elas.

Nas disciplinas Ciências e Geografia da escola básica, que abordam conteúdos mais diretamente ligados aos animais, a invisibilidade e a distorção de processos continua presente. Os trechos de diários de campo abaixo buscam contribuir com essa perspectiva, a partir de conversas com outras professoras da escola básica:

Como meus dias na escola não batem com os da professora de Geografia esse ano, aproveitei uma terça em que tive que ir à escola para levar a Amarelinha (cadelinha que vive lá) para a cirurgia, e fui atrás dela. Queria muito entrevistá-la, temos a mesma idade (e o mesmo signo, somos duas arianas), ela também estudou na FFP² e trabalha na escola o mesmo tempo que eu (10 anos esse ano, entramos no mesmo concurso). É uma professora bastante dedicada ao seu trabalho, sensível com as crianças... (...) Percebe dificuldades com estudantes, sejam financeiras ou afetivas, e se envolve, buscando ajudar. Assim, é uma professora a qual tenho carinho e admiração. Cheguei no final da sua aula e como não nos encontrávamos há bastante tempo, ficamos conversando sobre diários, estudantes, prefeitura... No final, perguntei se ela podia trocar uma ideia rápida comigo para a tese e ela topou. Mais uma vez, avisei que iria gravar, que não iria identificá-la e expliquei brevemente a minha pesquisa. Perguntei então se ela falava alguma coisa dos animais nas suas aulas de geografia e pretendia esmiuçar a questão (o que, como, quais animais...), mas antes que eu pudesse fazer isso ela me respondeu com um enfático “não”. Ainda insisti: “alguma coisa relacionada aos animais? Algum conteúdo que...” E ela foi objetiva: “Não, animal não. Em relação à natureza, a gente trata de biomas, clima, fala sobre a relação com a natureza, que devia ser uma relação mais harmônica, menos agressiva...”. Isso em que matéria, perguntei? Ela respondeu “ser humano e meio ambiente”, “sustentabilidade”, são matérias de 6º ano. Aí ela me disse que tenta trazer a questão para o cotidiano, desconstruindo a ideia de que quem está explorando a natureza “é só quem está lá cortando árvore”, que quando a gente quebra uma cadeira, por exemplo, isso exige mais matéria-prima, então ela busca trabalhar a questão do consumo, do desperdício... E fechou: “mas animais, não tem. E vou te ser sincera, quando eles me fazem alguma pergunta sobre animais eu digo ‘gente, vocês têm que perguntar para a Ana Luiza. Eu passo a bola.’ Rimos e perguntei “e nem quando fala de espaço agrário e tal? Tem uma matéria sobre isso não tem?” Ela respondeu: “tem, mas a nossa pegada vai mais para

² Faculdade de Formação de Professores (FFP), campus da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), localizado em São Gonçalo, no estado do Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

debater a estrutura fundiária, a mecanização do campo, a migração dos trabalhadores do campo, a distribuição das terras rurais... Mas em momento algum a gente trata da questão de animais. Em alguns momentos, quando dá, a gente trata da produção agropecuária do Brasil, mas assim, só citar.” E completou, sem que eu perguntasse: “Porque eu não tive nenhum tipo de base na universidade.” “Você fez na UERJ-FFP, né?” perguntei e ela me confirmou: “Sim. Na época teve uma matéria que chamava biogeografia, que até entrava na questão ambiental, mais biomas, plantas... Sobre animais não se falou nada propriamente.” Ficamos conversando sobre essa lacuna na formação. Por que não falamos da forma como nos relacionamos com os animais, se isso está tão presente em nosso cotidiano, se o tempo todo estamos lidando com produtos e impactos ambientais provenientes dessas relações? Parece haver um constrangimento em tratar o tema e ela concordou comigo. Entre os exemplos da nossa ignorância, comentei que existem pessoas que falam da questão rural e não sabem que a vaca precisa engravidar para dar leite e ela se colocou entre essas pessoas. Disse não saber nada sobre os animais, não pesquisar sobre o assunto, nunca ter tido cães nem gatos, não ter praticamente nenhum conhecimento sobre eles. (Diário de campo, Ana Luiza Mello, setembro de 2021).

A escolha do diário de campo como registro e aproximação das análises e intervenções marca a ausência dos animais no trabalho da escola básica. Tal ausência é também a afirmação de um discurso, que invisibiliza os animais e colabora na manutenção de práticas especistas.

Além de demonstrar o distanciamento que muitos de nós podemos ter das questões e das vidas não humanas, este diário traz a importância de não moralizar ou generalizar condutas. Não entrar em juízos de valores que poderiam categorizar docentes em bons ou maus, corretos ou errados, politizados ou despolitizados... Uma pessoa que se mostra muito implicada com a manutenção da alegria e da potência de seus alunos, pode, ainda assim, reproduzir lógicas especistas e ignorar quase que completamente sua contribuição com os modelos de exploração dos animais não-humanos. Nossas implicações (Lourau, 1993) se articulam com os agenciamentos (Deleuze e Guattari, 2002) que fazemos e com os devires que podemos experimentar e são provocadores de desmontagens, de subjetividades em produção. Na referida conversa com a professora, ela nos explicita que quase não teve experiências com animais não humanos e, inclusive, na sua formação inicial estes saberes não foram produzidos.

Algum tempo depois outra professora de geografia foi entrevistada para a pesquisa (Mello, 2023a). Jovem, cursou a graduação e mestrado recentemente também na FFP e é muito querida pelos alunos da escola.

Sábado foi dia letivo, para entrega dos kits escolares da prefeitura e aproveitei que nunca encontro a (...), professora de geografia, para entrevistá-la para a tese. No final de

uma manhã de muita conversa entre a equipe e responsáveis, num momento mais tranquilo, disse que estava pesquisando sobre a formação de professores, especialmente de geografia e ciências e perguntei se poderia fazer uma entrevista com ela. A professora concordou simpaticamente e sentamos em duas cadeiras ainda na mesa com os materiais que estavam sendo distribuídos. Avisei que iria gravar e depois produzir um diário sobre a conversa. Resolvi ser bem direta pois não sabia quanto tempo teríamos e iniciei o papo perguntando se ela falava alguma coisa sobre animais em suas aulas. Ela respondeu:

- Não muito, mas os alunos sempre trazem como exemplo, principalmente quando eu falo de espaço natural, nas modificações e transformações da paisagem, eles trazem sempre os animais.

- Então são mais eles que puxam esse assunto?

- Sim.

- E quando você fala de espaço agrário, você fala alguma coisa dos bichos? Vocês trabalham esse tema, né, das questões agrárias? Pergunto.

- É, a gente fala mais no 7º ano, quando a gente fala de espaço rural, a gente começa a falar de plantações, de pecuária, de agricultura, de agrotóxico...

- Mas você fala especificamente dos animais em algum momento?

- Mais nessa área da pecuária, dos processos de criação, se é intensiva ou extensiva, como são os modos de produção de cada sistema.

- Ah, vocês falam das diferenças dos sistemas, que um mantém os animais soltos, e o outro mantém confinados...

- Isso.

- Mas dos animais em si?

- Não, diretamente não.

- Nada?

- Não.

Me pergunto mentalmente, como pode? Como falam dos sistemas de criação e não falam dos animais? Só citam seus nomes e técnicas? Me intriga tais modos de implicação...

- E na faculdade? Você ouviu alguma coisa dos animais?

Nesse momento, ela parou para pensar. Pensou bastante, parecia revisar o curso em sua mente para buscar a informação solicitada de forma mais fidedigna. E aí respondeu: "fora esses conteúdos assim, não." E ela que até então se mantinha séria e objetiva, riu, reflexiva, e disse "bem pensado... Não... Só em biogeografia que falamos das espécies que costumam ter em tais biomas, mas só isso. Engraçado, né, quando a gente para pra pensar sobre as coisas, realmente eu nunca falei disso na faculdade". Sua reação foi interessante,

*trata-se de uma professora que adora seus cães (já conversamos bastante sobre eles e sempre vejo suas fotos com ela nas redes sociais) e que escolheu um curso que trata das relações estabelecidas entre humanos e a natureza. Ela estava surpresa ao se dar conta de que o curso não fala dos animais. Como não se fala dos animais? Nem deles nem da forma como nos relacionamos com eles, sejam em vida livre, cativeiro ou espaços produtivos? Comentei que pesquisava como a escola contribui com o especismo, e que as crianças aprendem a associar os animais aos produtos que obtemos deles, mas ignoram todo o processo para que isso ocorra. (...) Ficamos conversando sobre as lacunas que temos em nossas noções sobre os processos produtivos e de exploração pelos quais são gerados os produtos de origem animal que consumimos diariamente. Ela disse que ao estudar a geografia agrária, aprendeu “mais sobre os processos de transformação do campo, de produção de alimentação, mas animal não”. Contou que fez uma visita de campo em um assentamento do MST³, lá em Seropédica, e lá foi apresentado tudo, modos de plantio, como fazem a divisão, as casas, mas que não viu animal, nem sabe se tem, e se tem, não mostraram. Perguntei por que ela acreditava que existia todo aquele silêncio sobre esse tema na formação de professores de geografia? Ela respondeu “Sinceramente, eu acho que a gente ainda funciona muito numa divisão das ciências, todo mundo na sua caixinha. Então, assim, animal, ah, isso não é de geografia, geografia não dá prioridade para isso, quem dá é ciências. Ciências é que é voltada pros estudos dos animais, então a gente não precisa entrar nessa parte, não vamos entrar, não é nosso assunto.” Apesar do tom de crítica, achei que ela quase parecia concordar que animais não eram um tema da geografia e questionei: “Ah, mas por exemplo, a questão agrária, a pecuária, só a geografia que aborda, a Ciência não entra nisso em nenhum momento, não fala da criação dos animais, ou de como se dão os processos produtivos no campo...” E ela respondeu: “Mas não seria porque a geografia é uma ciência **social**, que trata mais das transformações que ocorreram no espaço rural, do que uma parte mais **biológica**?”. As palavras em negrito tinham maior ênfase na sua fala. Fiquei pensando o que ela queria dizer. O que seria o biológico? Características (anatômicas, fisiológicas, taxonômicas) dos outros animais? E o social não inclui os animais? Eles não compõem a sociedade? Então quem se atém a eles? Quem discute as relações que estabelecemos com eles? Respondo que “não espero que a geografia aborde aspectos biológicos das vacas, por exemplo, mas a forma como nos relacionamos com elas não seria algo social? E mesmo sobre o trabalhador que lida com isso, como fica a saúde mental de uma pessoal que trabalha com abate diariamente?” Ela me olhava pensativa e continuei: “Que recolhe as galinhas mortas do plantel diariamente? Que faz a debicagem⁴ das pintinhas para que não se mutilem ou se matem quando são levadas à insanidade pela superlotação nas granjas de produção de ovos?” Ela continuava me*

³ Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

⁴ Debicagem é o processo de corte e cauterização da ponta do bico de galinhas usadas na produção de ovos, feito com lâmina quente ou infravermelho. Segundo a Embrapa, o processo evita a bicagem agressiva entre as aves, reduzindo o canibalismo e a mortalidade do plantel.

olhando com atenção. Comentei que há pesquisas que afirmam que postos de trabalho relacionados a altos graus de violência com os animais, como ligados diretamente ao abate, são altamente rotativos, já que é comum que o funcionário não consiga permanecer nestes cargos por muito tempo. Percebi seu espanto com as violências que eu narrava, como se fossem coisas que nunca havia ouvido ou pensado. Senti operar um agenciamento maquínico, uma desmontagem... Apostei nessa entrada e comecei a falar dos porcos. Aproveitei sua proximidade com os cães e fiz comparações entre as duas espécies, para, em seguida, retratar um pouco de como se dão as criações tradicionais de porcos, incluindo os recintos desprovidos de interação ambiental, os cortes de cauda e dentes para evitar as mutilações, as castrações, a gaiola de maternidade, e outros tantos absurdos naturalizados até mesmo nas fazendas universitárias. Afirmei, por fim, que entendia ser importante que as pessoas aprendessem (na escola) que esse é o processo tradicional de criação dos porcos, não apenas pelos porcos em si, mas também pelo trabalhador que sabe que não pode olhar nos olhos dos animais, senão ele não irá conseguir continuar em seu emprego. Ela me olhava com perplexidade e disse “nada disso eu sabia, nada disso.” Continuei então a questionar: “como podemos propor uma disciplina que vai falar da questão agrária, sem tratar realmente como se dão os processos produtivos da agropecuária? A criança pequena aprende a ligar a figura do porquinho feliz ao pernil e nunca ouve falar dos processos envolvidos nessa associação.” Nesse momento me preocupei em reforçar: a professora pode até concordar com o abate, com o consumo de carne, a minha questão aqui não é moralizar, não é dizer o que é certo ou errado, mas não omitir ou distorcer tudo que o animal passa até aquele pernil ir parar na sua mesa. Ela concordou. E acrescentou que uma grande crítica que ela tem à geografia, é que “ela funciona muito em caixinhas, tem a geografia física, que vai dar foco em aspectos físicos, como relevo, clima, vegetação... O animal que poderia entrar nessa parte, só vai ser citado, tipo, bioma tal costuma ter tais animais, pronto. A gente até estuda mais sobre vegetação do que sobre os animais. Já a geografia humana vai focar nas relações de poder, política, população e tudo mais, mas não fala nada dos animais. E dentro de cada uma dessas áreas há várias subdivisões que não se misturam. Assim cada um fica na sua caixinha e não se abre para as outras. E o ensino, que poderia ligar esses campos, é negligenciado e subjugado. Então a gente vai se furtando de vários debates porque não comportam na nossa caixinha. E isso, ao invés de ir diminuindo, porque tem várias pessoas discutindo essas caixinhas, parece que só vem aumentando, parece que tá cada vez mais segregado.” Nossa entrevista foi interrompida nesse momento pela direção e afazeres que teríamos que dar conta. Mas fiquei feliz com a conversa, porque acho que trocamos bem, acredito que ela vai sair pensando várias coisas sobre os modos de exploração dos animais e eu fiquei com o lance das caixinhas e de como essa lógica, que se reproduz também nas ciências, é um facilitador para que possamos ignorar diversas questões que teoricamente não cabem em nossos currículos, áreas e ementas. Não deixamos de falar dos animais só porque é desconfortável ensinar sobre nossas violentas práticas de exploração, temos mecanismos próprios, legitimados pela

Invisibilidade dos animais na educação básica e na formação de professoras

Ana Luiza Gonçalves Días Mello, Rosimeri de Oliveira Días

academia, de superficializar questões e processos, de abordar sem se implicar. Nossas caixinhas acadêmicas ajudam a produzir limites em nossos questionamentos e nos fazem acreditar nestes limites. O que evidencia que o especismo não é estrutural a toa, ele se utiliza de diversos dispositivos para se manter hegemônico. (Diário de campo, Ana Luiza Mello, março de 2023)



Figura 1: Debicagem de pintinhas por infravermelho. Fonte: Paulo Abreu/Embrapa Suínos e Aves.

Um diário que nos aproxima dos movimentos de montagem e de desmontagem maquinicamente forjados em uma cultura especista instituída nos processos escolares e de formação. É inegável o quanto a cultura especista está instituída. Entretanto, Lourau (1993) nos auxilia a pensar que a instituição não é uma coisa observável, mas uma dinâmica contraditória que se constrói na história e no tempo. E por mais hegemônicas e estáveis que pareçam ser as instituições, estão sempre em movimento. O instituído, o *status quo*, atua como um jogo de forças extremamente violento para produzir uma certa imobilidade, que camufla as contradições estabelecidas com o instituinte e os processos de autodissolução. Mas o instituinte e o instituído estão em luta permanente, em constante contradição com as forças de autodissolução (Lourau, 1993), o que no agenciamento deleuze-guattariano, se chama desmontagem (Deleuze e Guattari, 2002). Assim, por mais que haja uma cultura educacional afinada com a manutenção de uma sociedade especista, há quem desafie a heterogestão e produza, mesmo que nas brechas, outros caminhos. Na perspectiva micropolítica, a formação deixa de ser um conjunto de métodos, conteúdos e didáticas, para ser um campo de relações de força, o que abre espaço para agenciar encontros e deslocamentos (Dias, 2012). Como fazer operar esta maquinaria de autodissolução e desmontagem? Se colocando num permanente

processo de problematização, atento ao presente para não ser carregado pela cultura antropocêntrica dominante e para produzir (mesmo que pequenos) espaços-tempo de resistência a ela.

Ao trazer a questão da invisibilidade dos animais, não apostamos que o caminho para uma formação inventiva antiespecista seja simplesmente ofertar as informações (embora a ausência delas seja mecanismo de manutenção da opressão). A produção da nossa ética envolve muitos dispositivos, que mobilizam hábitos e modos de viver. E deslocamentos podem acontecer quando permitimos que o estranhamento se torne um acontecimento, uma experiência que nos passa e nos modifica, mesmo que isso signifique nos deixar sem o chão de suas certezas. Segundo Deleuze (1998), o acontecimento é como um efeito de superfície, um incorporal, algo que acontece e que, por sua vez, não se reduz nem às coisas nem às proposições, mas só pode ser apreendido no instante mesmo em que acontece. É uma superfície que emerge dos efeitos entre os corpos na enunciação, ou ainda, da atualização de significantes em significados, o que gera um efeito de sentido. Não se trata, entretanto, de construir definições identitárias, o acontecimento não se confunde com a designação, manifestação ou significação, mas é sempre alguma coisa de que só podemos dizer o que se apreende do seu acontecer.

Crianças e adolescentes costumam ser bem menos agarrados às suas verdades que nós, adultos, pelo grau de abertura ampliado para a experiência de transformação que o devir traz. Ainda mais no ambiente escolar, onde estão sempre construindo e revendo seus conceitos científicos, históricos, artísticos etc. Nós, docentes, podemos atuar nas brechas do sistema escolar, instigando a problematização de ideias e de opressões no cotidiano da sala de aula, corredores, pátio, refeitório... Essa aposta na desnaturalização, desmontagem e estranhamento não propõe um modelo predeterminado de ética. É um movimento que abre para novos agenciamentos (Deleuze e Guattari, 1995), para novas formas de ser e estar no mundo, próprias de cada ser.

Para dar espaço a esse movimento de desmontagem e transformação, apostamos em alguns modos de estar em sala de aula, na escola e na universidade, que envolvem dispositivos como o afeto, a escuta, o cuidado, as relações de confiança e uma prática de estranhamento e problematização das opressões no cotidiano. Uma aposta nos bons encontros, capazes, talvez, de produzir alegria. Aqueles que nos deslocam de velhos conceitos, que nos trazem para o agora, que desmancham representações, na leveza do simples existir, no estar ali. Capazes de produzir “risos e sorrisos que se sentem como ‘perigosos’ no exato instante em que se experiencia a ternura.” (Deleuze e Parnet, 2004, p.19).

Falamos muito dos animais em sala... Tanto por iniciativa minha quanto deles. Sempre que aparece algum assunto relacionado aos bichos, eu costumo contar o que sei das espécies envolvidas e eles também, nos encantamos com as diferenças e peculiaridades, procuramos observar o contexto, imaginando a perspectiva dos bichos e como devem se sentir... Quando falamos de alimentação, procuro sempre afirmar o carnismo como uma escolha, que não é natural ou necessária, mas cultural, com todo cuidado para não cair no campo da moralização ou da culpabilização. O mesmo quando falamos de animais em carroças ou montarias, “esportes” ou entretenimentos envolvendo animais... As crianças/adolescentes trazem mil histórias sobre os bichos, algumas que me deixam estarecada, outras me fazem rir ou ter vontade de chorar... Churrascos feitos com gatos e cavalos... Animais feridos, doentes, abandonados... Peraltices, inteligências e curiosidades observados nos bichos criados por eles... Resgates de animais atingidos pelo fogo, jogados no lixo... Cenas de abate, castração sem analgesia, tratamentos os mais inusitados... A aposta para mim é deixar os afetos correrem, da forma mais livre e sincera possível, entendendo que, além de sermos únicos, minha vida privilegiada (em tantos sentidos) nada tem a ver com a deles, logo seria um absurdo achar que deveriam ver as coisas do mesmo ponto de vista que eu. Mas que, apesar disso, podemos juntos pensar em formas de perceber e estranhar aquilo que, de algum modo, já nos causa desconforto, um desconforto que fomos convencidos a abafar. (Diário de campo, Ana Luiza Mello, outubro de 2024).

Com a perspectiva da invenção (Kastrup, 1999; Dias, 2011) na formação, colocamo-nos em movimento, em conversas entre professoras e estudantes, buscando deslocar modos de pensar calcados nas lógicas de saber ofertadas por meio de palavras de ordem moralizantes e verdades instituídas que afastam o exercício da problematização, e pensam a vida como predefinida e monocultural (Núñez, 2019). Apostamos na invenção de outros modos de existência, que comportem viventes e suas subjetividades, buscando intensidades, construindo formas de luta e afirmação das singularidades (Mello e Dias, 2022a). Um movimento de desmontar nossos a priori para dar lugar a outros conceitos e tessituras relacionais.

Sendo uma área de favela, e com alguns fragmentos florestais e terrenos de capoeira⁵, muitos estudantes do CIEP criam animais, como cavalos, porcos e galinhas. Conversamos muito sobre os bichos, eles gostam de contar histórias, façanhas e coisas que observaram no comportamento dos animais e eu aprendo e me divirto demais com os papos... Também contam de práticas de opressão e violência, muitas vezes externando um paradoxo em que se veem: gostam e se encantam com os animais, mas ao mesmo tempo, foram ensinados sobre a naturalidade e a necessidade das práticas de dominação e

⁵ Capoeira: palavra indígena que define a vegetação que cresce depois da derrubada de uma floresta ou mata virgem.

exploração, incluindo a castração dos porcos, captura e enjaulamento de pássaros, montaria de cavalos, manutenção de cães em correntes, caça de pequenos animais silvestres, abate doméstico... Muitas vezes os estudantes estão em nítido conflito, outras estão buscando reafirmar a legitimidade de tais práticas... Como agir diante da defesa e reprodução de uma opressão? Às vezes, certos posicionamentos me chocam, ou me dão raiva, indignação, e me coloco do lado do certo e eles do errado... Se eu me deixo tomar por esses sentimentos e que eles direcionem minha fala, se adoto uma postura moralizante, que julga e culpabiliza, paro de me comunicar, dou a falar com as paredes... Do que sei sobre a violência que sofrem e reproduzem? Da veracidade com que tais práticas foram colocadas a eles e do campo afetivo que mobilizam? Do quanto de tristeza a culpa por não conseguir mudar pode produzir? Nunca acreditei que o caminho para as transformações fosse pela tristeza... A tristeza paralisa, não nos dá força para mudar. Acredito profundamente na relação intrínseca entre ética e afeto, apostando na alegria como uma força capaz de aumentar nossa potência para agir e existir. A tristeza é aquilo que diminui nossa capacidade de perseverar na existência, quanto maior a tristeza menores são as nossas possibilidades de agir, menor é a nossa perfeição, como diria Espinosa. A tristeza, a melancolia, nos leva a um estado de servidão, nosso conatus diminui. Então a ideia não é cair no campo da culpabilização, do ressentimento, do ódio, mas na produção de encontros que produzam dúvidas sobre aquilo que nos foi ensinado como “normal”, encontros que ampliem nossa capacidade de criar outros modos de ver e agir, com os outros e com nós mesmos. Que deem a ver que outras formas, transgressoras e autogestionárias, de ser e estar no mundo não só são possíveis, como podem nos fazer nos sentir mais alegres e potentes. (Diário de campo, Ana Luiza Mello, março de 2022).

Podemos dizer que se há um princípio na formação inventiva esse é o de problematizar. Questionar aquilo que nos foi ensinado para dar espaço a outras formas de ver e agir. Produzir uma formação inventiva antiespecista é se abrir para as forças intempestivas do presente, é reparar como as opressões se afirmam sutilmente, às vezes nos detalhes, mas podem ser percebidas e desnaturalizadas, para ampliar o grau de suportabilidade de experienciar o sensível em um agenciamento, desmontando com outros o que foi feito de nós. Esta trama nos equipa para viver espaços de vulnerabilidade presentes na escola básica pública periférica.

Nas salas de aula das primeiras séries do Ensino Fundamental, é recomendado que haja um “ambiente alfabetizador” e entre os elementos elencados para construção desses espaços está a fixação de um abecedário ilustrado. Uma professora de 3º ano, ao confeccionar os cartazes com cada letra, percebeu que a figura que ilustrava a letra Z era um zoológico. Para não reafirmar e naturalizar a existência desse infeliz espaço de exploração exposição dos animais, ela substituiu a ilustração pela do personagem Zé Lelé, da turma da Mônica. Parece um detalhe, mas é sutilmente que as lógicas dominantes se afirmam e se perpetuam. (Diário de Campo, Ana Luiza Mello, março de 2019)

Invisibilidade dos animais na educação básica e na formação de professoras

Ana Luiza Gonçalves Días Mello, Rosimeri de Oliveira Días

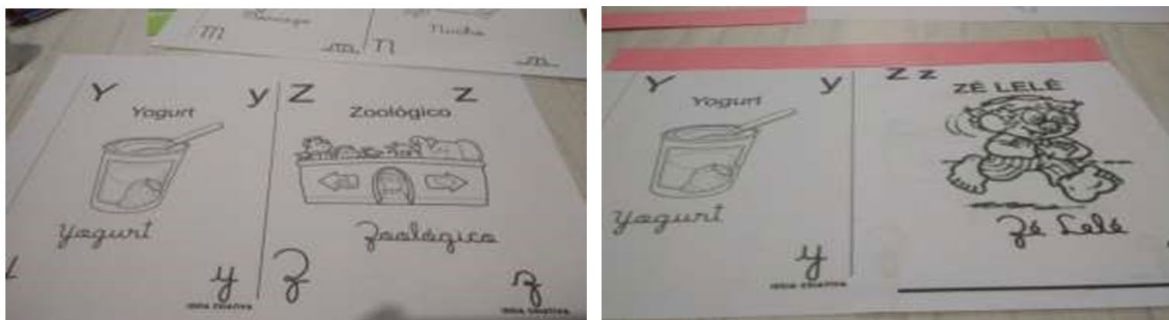


Figura 2: Abecedário ilustrado não-especista. Fonte: Ana Luiza Mello.

Muitas vezes é assim, nos detalhes, que mantemos as linhas sedimentadas do especismo ou afirmamos modos outros de viver. Olhar 200 dias por ano para um desenho que mostra, por exemplo, um peixe sorrindo dentro de um aquário minúsculo nos ajuda a deixar de estranhar uma prática violenta, que é prender um animal em uma pequena área para ser observado, privando-o de seus comportamentos naturais e de qualquer coisa que pudesse ser importante ou interessante em sua vida.

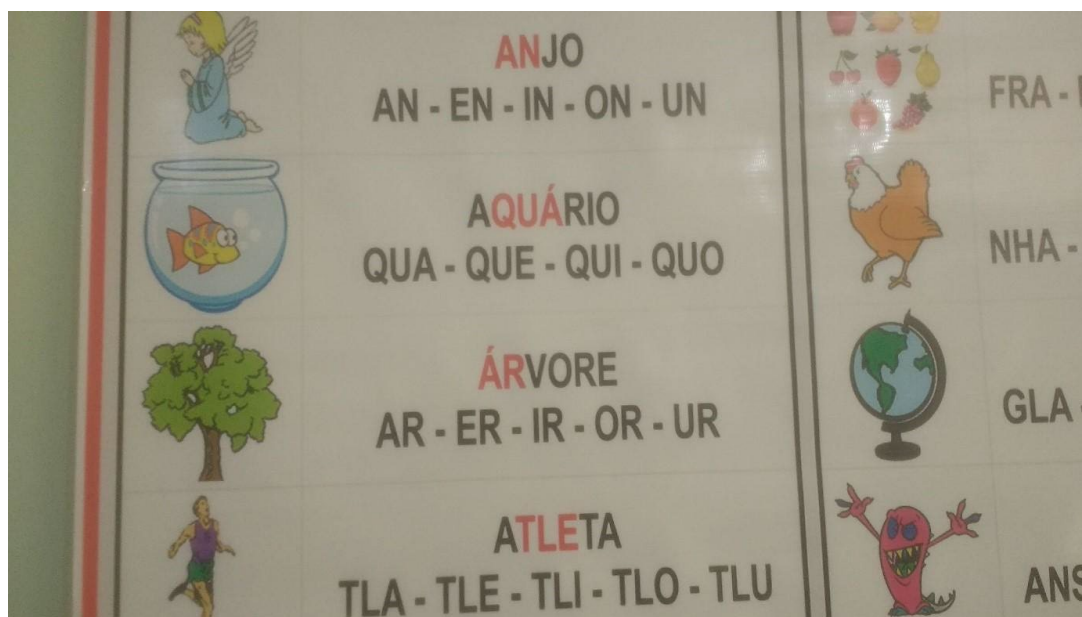


Figura 3: Silabário presente na sala de aula. Fonte: Ana Luiza Mello.

Na sala de aula, nos formamos todos, coletivamente, cada qual com suas singularidades e subjetividades. Escutamos, pensamos, falamos, ouvimos, expomos sentimentos, franzimos a testa, damos atenção a pequenos (ou grandes) desconfortos que podem acompanhar nossos posicionamentos. Buscamos produzir exercícios de atenção às lógicas que reproduzimos e que batem de frente ao que traz sentido aos nossos afetos, ao que faz nosso corpo vibrar e nossa mente se sentir serena. Por que mantemos práticas de dominação, de produção de

sofrimento, seja com certos grupos de humanos ou outros animais? Como nos sentimos diante disso? Que dispositivos são mobilizados na naturalização e na justificação da violência e da opressão? Como perceber e produzir outros modos de ser e estar no mundo?

Encontrar, conversar, produzir bons encontros é a nossa aposta para uma formação inventiva antiespecista na escola básica. Afirmando que, nesta prática de conversar com crianças e adolescentes, é preciso uma relação de alteridade, de escuta, uma atenção ao presente para abrir espaço-tempo para a invenção de si e do mundo. Um modo de estar em sala de aula que seja problematizador, mas, ao mesmo tempo, gentil e cuidadoso, pois colocar em dúvida certos discursos e posturas assumidos por muito tempo nem sempre é uma tarefa fácil. Assim, na proposta de formação inventiva produzida nos encontros que compõe este trabalho, buscamos questionar uma suposta superioridade baseada na diferença em relação ao outro, e o uso dessa superioridade para justificar a subordinação (lógica da dominação) (Rosendo, 2017). Será que ela realmente faz sentido para nós? O que sentimos em relação a isso? Como será que outros seres se sentem? Como produzir espaços de resistência, mesmo que pequenos, espaços para a produção de uma ética que perceba as diferenças como parte fundamental desta enorme e diversificada rede de seres vivos a qual pertencemos, e não como justificativa para hierarquias e práticas de dominação (Mello, 2015)? Como produzir espaços que nos ajudem a perceber a multiplicidade do presente e as correntes que limitam nossas fronteiras éticas?

Em uma proposta de formação inventiva, nos formamos todos, continuamente e coletivamente, a partir dos bons encontros. Aqueles que nos deslocam de velhos conceitos, que nos trazem para o agora, que desmancham representações, na leveza do simples existir, no estar ali. A formação inventiva “busca problematizar práticas e discursos hegemônicos para engendrar uma posição afirmativa que tome a formação como uma produção de subjetividade” (Dias et al., 2018, p. 950). Produzir espaços-tempo que possam dar lugar a uma experiência de problematização. É possível dizer que se há um princípio de uma formação inventiva, o identificamos com o seu grau ampliado para viver os movimentos de transformação que tensionam lógicas instituídas. Problematizar. Pensar o impensado no pensamento. Uma aposta de forjar desmontagens de certas formas e políticas cristalizadas, para poder abrir tempo e espaço a modos outros de relação com o mundo, consigo mesmo e com animais humanos e não-humanos.

3. Os animais na Formação de Professoras

Quando comecei a analisar a reprodução do especismo na escola, resolvi pensar como ele se propaga na formação das professoras. Afinal, se a escola está ensinando conceitos

especistas, omitindo ou distorcendo práticas violentas ou invisibilizando os animais e a forma como nos relacionamos com eles, quem está ensinando isso são as professoras... E como a Universidade contribui com isso? Como os animais são trabalhados nos cursos de graduação em Pedagogia? Comecei perguntando às pedagogas ao meu redor, que são muitas, e a resposta categórica à pergunta “O que você viu sobre os animais na faculdade?” foi “Nada, sobre animais, nada.” “Mas nada, em nenhuma matéria? Nadinha?” - eu perguntava abismada... “Nada, nada...” Acabei também cursando Pedagogia e hoje dou aula em uma faculdade de Pedagogia. E entendo que, se não for a implicação de um docente que o faça ir pelas brechas do currículo e do senso comum especista, os animais serão totalmente ignorados durante toda a formação do futuro professor. O que, dentro de uma cultura especista dominante, é o que acontece na maior parte das vezes. (Diário de campo, Ana Luiza Mello, 2024).

Seria possível? Os animais, estampados em quase todas as atividades da Educação Infantil e primeiro ciclo do Ensino Fundamental, nas histórias, nos murais, nos trabalhos, nos exercícios, nos enfeites da sala... Teriam eles realmente o status reduzido a objetos decorativos e úteis? Seres com quais nos relacionamos e dividimos o planeta, mas para quem não precisamos dedicar um minuto de estudo? Como os diminuímos a tal ponto? Para que o fizemos? Para manter nosso sistema de dominação e exploração?

Em pesquisas anteriores (Mello, 2021, 2023a), conversamos com muitas professoras universitárias, indagando a respeito da presença dos animais em suas aulas. Para algumas, havia até uma surpresa com o questionamento. Tanta coisa importante para falar, por que falar de bicho? Para outras, entretanto, que pareciam mais implicadas com o tema, algumas vegetarianas, ou “protetoras” de cães e gatos, temas relacionados aos animais apareciam apenas quando levantados por iniciativa de alguma estudante, e geralmente trazendo seus animais “de estimação”. Mesmo nas disciplinas ligadas ao ensino de Ciências e Geografia, e nos próprios cursos dessas licenciaturas, como dá a ver o diário de campo a seguir, em conversa com um professor com mais de 20 anos de experiência docente na universidade:

(...)

- Nas suas aulas de Geografia Agrária, você fala alguma coisa dos animais? Propriamente...

Ele pensou uns instantes e disse:

- É... Falo da criação animal, como parte do processo de produção na agricultura. Que, entendida como *lato senso*, né, envolve a dimensão também da criação animal. Tradicionalmente com sistemas integrados, né? Criação e produção agrícola, e hoje numa

dinâmica cada vez mais regida por esse processo da monocultura, onde também os animais são criados dessa forma.

- Sim, você diz caracterizando os modos de criação, tipo a criação intensiva, extensiva, mais nesse sentido, do modo de criação, né? Mas a forma como a gente lida com os animais mais diretamente, você acha que entra em alguma coisa?

- Mais essa crítica aos processos de criação animal numa lógica industrial que predomina hoje. Então, eles são confinados, com alto uso de ração, de antibióticos e outros tantos produtos químicos, dos processos de seleção biológica de variedades melhoradas, né? É nessa perspectiva que eu trabalho.

Me lembrei dos grupos ecossocialistas que frequentava na época do movimento estudantil na graduação. Tudo era culpa do capitalismo e seus modos de exploração, então devemos combater o capitalismo. E as micropolíticas? E os afetos? E os movimentos instituintes que acham brecha nas lógicas dominantes? Como ele parecia ter sacramentado sua resposta e estar bem confortável com sua abordagem, resolvi expor um pouco da minha pesquisa.

- Por que eu tô perguntando isso? A minha tese no primeiro doutorado foi sobre como a escola ajudava a formar pessoas especistas. Meu trabalho em cima do especismo, que é a opressão cometida por conta do preconceito que temos com as outras espécies, uma ideia de que estamos acima dos outros seres e que por isso a gente não precisa nem saber muito sobre eles, porque somos tão superiores que a gente pode usar eles da forma como a gente bem entende... Como a gente faz com vários grupos que sofrem opressão. E para entender isso melhor, eu conversei com várias professoras das escolas, perguntando o que elas falavam sobre os animais nas suas aulas, então o que eu percebi é que, especialmente na área agrária, era uma coisa muito superficial, que muitas vezes se limitava a associar o animal aos produtos obtidos dele. Então, quando você é pequenininho, você aprende que a vaca dá o leite, você associa a vaca ao leite. Depois, quando você fica mais velho, o que você aprende sobre isso? Mais nada, continua sendo a vaca e o leite. No máximo, que isso pode acontecer em uma escala mais industrial ou em pequenas produções. Na ciência/biologia não se fala disso, nem se fala dos animais propriamente, menos ainda dos domesticados, a biologia parece que é fixada em classificações, então fica categorizando o tempo todo e aí entra um pouquinho das características anatômicas, fisiológicas, para classificar. Mas não se entra na dimensão ética praticamente em momento nenhum e nem propriamente nos animais (como eles são, seus interesses, suas subjetividades). Nesta segunda tese eu resolvi pensar como a formação ajuda as professoras a reproduzirem lógicas especistas na escola, e aí fui conversar com elas. Para as professoras de geografia eu pergunto, o que vocês falam sobre os animais na aula? A maioria responde que cita os animais quando fala das paisagens e na questão agrária, fala que existe a criação intensiva e extensiva. Mas o que eu percebi é que elas não sabem quase nada sobre isso, sobre criação mesmo dos animais, uma delas não sabia, por exemplo, que a vaca precisa engravidar para

produzir leite. Não sabe que o boi é um animal castrado, que todo porco é castrado, que os porcos têm os dentes cerrados, que têm a cauda cortada, todo mundo ignora esses processos que são a base da criação, não só da intensiva, mas de qualquer criação. No Brasil, até 2017, a legislação proibia o abate de suínos machos não castrados (procedimento que ainda é fortemente recomendado). Quanto custaria um procedimento cirúrgico com anestesia e analgesia eficaz para um porco? Será que algum produtor, pequeno ou grande, iria fazer isso? E nem são manejos eventuais, eu tô falando de um processo padrão de criação. Gaiola de maternidade para criar porco é padrão, capa do site do setor de suinocultura da UFF, uma estrutura que não deixa a mãe nem se virar. E aí quando eu converso com as professoras, elas ficam meio chocadas com essas informações. E eu tenho perguntado pra elas, por que vocês acham que a gente não fala disso na universidade? Por quê? E aí eu queria estender essa minha pergunta pra você também, por que não se fala dos animais, de tudo que eles passam, é sempre uma abordagem muito superficial e distorcida, sabe? Não digo nem que sejam detalhes omitidos, porque é a base da produção, é como se produz.

- É... Eu entro na dimensão da crítica aos sistemas de produção. A essa dinâmica que você tem um processo de padronização produtiva que implica seleção genética, que implica uso acentuado de produtos químicos e um padrão no qual cada vez mais os animais são criados confinados, a base de ração, verdadeiras máquinas de reprodução de carne, de leite... Então, nessa dimensão eu trato, eu faço esse debate, mas não adentro, não tenho foco nessa dimensão do sofrimento dos animais no seu processo de criação. Esse não é o foco fundamental.

- Por que você acha?

- Não sei. (ele riu). Não saberia te dizer com presteza agora, teria que pensar um pouco mais... Mas acho que tem a ver também com o processo de formação meu, enquanto professor de geografia, eu procuro me atualizar sobre esses debates relacionados a agroecologia, mas confesso que nessa parte específica, dos processos de criação animal especificamente, não me aprofundi tanto assim. Sei de algumas coisas, já vi alguns vídeos que mostram essa coisa, a forma como os animais são abatidos, tenho essa compreensão. Mas não é uma coisa que eu explore tanto de fato nas minhas discussões. Fico mais nessa dimensão crítica dos sistemas produtivos, do agronegócio, esse é meu foco.

Seria considerar o sofrimento, uma questão de aprofundamento? De implicação? De agenciamento? Como conseguimos desconsiderar certos sofrimentos? Decidi então lhe provocar no que ele diz ser seu foco: a crítica ao agronegócio. Claro que devemos perceber como os sistemas industriais de exploração dos animais são muito mais perniciosos a eles e a todos envolvidos do que as pequenas produções. No entanto, no que diz respeito ao especismo, será que está restrito aos mega pecuaristas? Como percebê-los nas relações mais cotidianas ou romantizadas? Assim, lhe coloquei a questão:

- É que eu faço críticas às pequenas produções também, porque eu entendo que muitas vezes a gente traz uma ideia de que o problema do especismo na criação dos animais é um problema restrito a criação industrial, e que as pequenas produções seriam eticamente sustentáveis. E eu problematizo a ética em você engravidar uma fêmea e tirar o filhote dela, e não tem como produzir leite sem fazer isso... Mesmo sendo uma criação pequena, o animal vale o quanto ele custa, então, se uma vaca cai numa vala e quebra uma perna, ela não vai receber o tratamento adequado... Meus pais moraram recentemente em uma região rural, cercados de pequenas criações e era tudo permeado de muito sofrimento.

Ele me olhava sério. Continuei falando exemplos de exploração dos animais em pequenas criações. Em seguida, comecei a falar dos trabalhadores que lidam com essa violência, sei que ele é uma pessoa “de esquerda”, envolvida com os movimentos sociais.

- Sei que a geografia discute também essas relações humanas, dos trabalhadores do campo e suas sujeições. E o trabalhador que vive do abate? Da castração, da descorna? Não se fala nada dele? São postos de trabalho com alta rotatividade, as pessoas ficam perturbadas trabalhando com isso...

- É, esse debate dos frigoríficos, que funcionam como verdadeiras máquinas industriais, eu faço. Mas de fato, essa crítica a uma relação mais específica com os animais, como seres vivos que também têm sensibilidade, é um debate que eu não costumo fazer.

- E aí ninguém faz! (ouvindo a entrevista, percebo que nessa hora deixei escapar um pouco da minha indignação, mas procurei me recolocar para não moralizar ou interromper a comunicação). Quem faria esse debate? A geografia trabalha com a nossa relação com a natureza, né?

- Isso, relações entre sociedade e natureza.

- E nesse debate, não se fala da ética envolvida nas nossas relações com os animais?

- É, somos herdeiros todos de uma tradição científica, não só científica, uma tradição que coloca de fato os homens como seres superiores né, e os interesses humanos acima dos interesses dos demais. Eu acho que essa é uma reflexão que tem alguns autores da geografia que fazem, você deve conhecer o Carlos Walter, ele avança um pouco nessa direção, mas mesmo ele não entra tanto nessa dimensão do sofrimento dos animais. Isso não é uma questão que é muito posta. De qualquer maneira, é uma lacuna, dessa tradição que nos formou nessa lógica dos seres humanos distanciados e acima da natureza.

- Sim... Mas é que a gente carrega muitas tradições, né, toda a nossa base machista, homofóbica, racista... E eu percebo como a Universidade procura trazer esses debates, procura ter uma certa criticidade com relação as opressões... Mas o especismo, nos espaços de esquerda em geral, acaba não tendo muito espaço. E por quê? Mesmo nos espaços que se propõe a pensar modos produzir relações com mais justiça social e liberdade, os animais continuam deixados de lado?

Era nitidamente uma provocação. Mas também uma questão genuína que carrego. Nunca entendi tamanha dificuldade em questionar os absurdos da exploração dos animais, principalmente por quem já questiona tantas formas de exploração dos outros grupos humanos. Como ele não respondeu de cara minha provocação, resolvi dividir minha impressão sobre esse tema. Disse que minha sensação sobre a dificuldade em entrar nesse debate poderia vir do nosso incômodo ao problematizar práticas das quais nos beneficiamos diretamente, do constrangimento de assumir e rever nosso uso dos animais para as atividades mais cotidianas, desde o café com leite de manhã ao churrasco de final de semana. Disse que já ouvi de um professor entrevistado, de geografia por sinal, que não se sentia a vontade em entrar em certas discussões porque comia carne e se sentia hipócrita. Eu mesma, antes de me tornar vegana, tinha muito mais dificuldade em me posicionar publicamente sobre o uso dos animais. Perguntei se ele achava que fazia sentido. Reafirmei que reconhecia a presença das tradições, mas queria entender porque temos tanta dificuldade em entrar nesse debate, afinal a gente usa os animais o tempo todo, há muito tempo. A ciência já reconheceu que eles sentem e sofrem, não só sentem mas tem consciência de que estão sentindo. Como um ser que sente e tem consciência disso pode ser ignorado, mesmo pela galera de esquerda, o que faz a gente conseguir ignorar tanto sofrimento? Ele respondeu:

- Boa pergunta, eu não sei. Sinceramente, nunca parei para pensar nisso. Mas de fato, é uma hipótese, eu como carne, bebo leite, como queijo, ovos... Produtos que vem dos animais. E de fato, faz sentido a ideia de que fica meio incongruente você fazer a crítica da criação animal... Embora, assim, a gente vive em um mundo que tem suas relações, elas estão postas, a gente não pode se isolar completamente da realidade em que vivemos, é claro que você tem que buscar ter práticas mais coerentes, mas também não dá para de uma hora para outra querer romper completamente com a nossa relação com que é produzido sob a forma de injustiças, aí a gente não vai mais fazer nada na vida, não anda de ônibus, não compra uma roupa, não faz nada. Então é preciso ter a dimensão de que você pode fazer a crítica mas não necessariamente você vai conseguir romper radicalmente com essas questões.

Concordei, vivemos em um sistema capitalista e não conseguimos romper com todas as práticas baseadas na exploração do outro. Mas daí a ignorarmos completamente um grupo de seres a quem exploramos brutalmente? É possível fazer a crítica dissociando-a de um modo de vida? Voltei a falar da complexidade dos animais e de como apresentamos esses conteúdos para as crianças de modo enviesado, entendendo os animais como números, como objetos inertes de uma cadeia alimentar, como se fossem estúpidos demais para perceber ou sentir alguma coisa. Que nossas críticas, quando existem, se referem mais a perspectivas ambientais (que nos prejudicam diretamente), como sistemas poluentes, uso de substâncias químicas e desmatamento. Mas nunca falamos dos animais, de como cada galinha é única, tem um jeito e uma personalidade que só ela tem, um jeito de se coçar, de se expressar que é singular. E a gente nunca levanta nada disso na escola,

nem em ciências nem em geografia. Ele concordou, disse que realmente não entra em nada dessas questões, mais na diferença entre os modos de criação, etc, e que nas pequenas produções os animais têm nomes, fazem parte da vida do produtor... Mas, pensando bem, lembrou ele, um parente de sua esposa, que é um pequeno criador de porcos, participa de todo processo de criação, menos do abate. Para abater os porcos, ele chama uma pessoa de fora só para fazer isso, justamente pela relação de proximidade com os animais. Respondi que isso era muito comum, que me lembrava as pessoas que diziam: se eu tivesse que matar, não comeria, ou que iam em uma fazenda e quando viam matar o animal, não comiam. Sim, era mais fácil quando pagávamos para alguém, geralmente muito pobre, para fazer isso pela gente. Porque aquela pessoa muito pobre pode se sujeitar aquilo, você não. Você só quer o paladar, o ponto final do processo. Então, ignorar todo o processo é muito ruim, não só para os animais, mas também para os trabalhadores que lidam diretamente com isso. Sentindo que nossa conversa estava chegando o fim, resolvi perguntar sobre a questão colocada pela professora da entrevista anterior, as caixinhas em que a geografia se divide e a falta de diálogo entre as áreas, e se ele acreditava que isso contribuía na omissão de tais debates. Expliquei que estava tentando entender um pouco das lógicas especistas específicas de cada área, que na biologia, por exemplo, sentia que ainda imperava uma ciência dura, cartesiana, positivista, pouco implicada socialmente, que carregava o objetivo de dominação da natureza e a visão do animal-máquina, que não sente nem importa individualmente. E na geografia, quais seriam as tradições que ajudam a legitimar a ausência dos animais em suas pautas? Ele respondeu que, de fato a geografia sofreu um processo de fragmentação muito grande, apesar de ter havido um aumento de diálogo entre os campos, ainda era muito cristalizada a separação entre a geografia física e a geografia humana.

- A física se ocupa das formas e processos, chuva, erosão... Esses outros elementos da vida não fazem parte.

- O campo da ética acaba não entrando muito?

- É, esse debate não vai aparecer. É por dentro da geografia humana que esses debates vão entrar mais, como eu disse, com limitações...

- Se detendo mais a uma ética das relações entre humanos né, de uma forma bem antropocêntrica...

- Eu acho que vai até essa dimensão da crítica de como o capital promove processos brutais de exploração do homem e da natureza. Mas eu concordo com a questão que você tá colocando, que não entra essa dimensão do sofrimento dos animais. O que eu conheço na geografia, vai só até a crítica aos sistemas industriais, agroindustriais, que promovem essa artificialização, essa padronização, esses processos de confinamento, que transformam os animais em máquinas de produção. Mas esse debate que você traz, não conheço referências que estejam fazendo. Confesso que não faço e não conheço quem faça. (...).

Finalizando a conversa, reforcei que não estava ali para moralizar, mas para tentar entender porque temos tanta dificuldade em falar e problematizar nossas formas de nos relacionar com os animais e em considerá-los em seus interesses, complexidades e subjetividades. Não estou dizendo se os professores devem ou não comer carne, ou beber leite, mas minimamente falar sobre isso, não esconder ou ignorar todo o processo de exploração por trás de tais produtos. Se estamos pensando em um mundo de justiça social, em um mundo de menos sofrimento, como produzir isso com um bicho sofrendo para caramba ali no nosso quintal? Como falar de um mundo de menos sofrimento ignorando o sofrimento, e não aquele que está distante, mas o que faz parte das nossas escolhas mais corriqueiras?

Agradei a conversa e a troca, o professor pediu desculpas por não ter contribuído muito. Respondi que de forma alguma, acho que trouxe perspectivas importantes e representativas de um campo da geografia crítica, marxista, tão presente nos movimentos populares e de esquerda. E eu, problematizações antiespecistas, que como ele mesmo falou, nunca havia pensado. (Diário de campo, Ana Luiza Mello, maio de 2023).

Mais uma vez, as tais caixinhas que contém as áreas de conhecimento parecem respaldar a invisibilidade dos animais e impedir que os agenciamentos maquínicos, coletivos e do desejo operem desmontagens em nosso especismo. E sendo fechadas, os itens que as compõem são permanentes e pré-determinados. Na caixa da geografia agrária, pelas três entrevistas diarizadas, parece caber a estrutura fundiária, o agronegócio, a migração dos trabalhadores do campo, a distribuição das terras rurais, as diferenças entre os sistemas agropecuários; mas não os animais. Mesmo participando e sofrendo as consequências de todas as temáticas abordadas (seja pela exploração, pelo convívio, pela perda de habitats ou por qualquer outro modo de interação) os animais são ignorados, tomados apenas como peças do funcionamento de engrenagens que podem afetar de diversas formas os humanos, e é apenas isso que importa, quando importa. E não estranhamos, pois, esse debate não cabe nas caixinhas das licenciaturas, quiçá de nenhuma graduação, e assim nos formamos na escola e na universidade sem abordar tais questões, sem pensar nos outros animais nem na forma como nos relacionamos com eles. Isso acaba ocorrendo apenas de forma esporádica quando alguém rompe o lacre da caixa.

Falar dos animais parece não ser algo muito confortável para muitas pessoas, como se fosse um tema um tanto constrangedor, ou ainda de menor importância. No meio acadêmico, mesmo nos espaços que se propõem progressistas e de esquerda, é comum encontrarmos esse tipo de posicionamento. As entrevistas realizadas em trabalhos anteriores (Mello, 2023a) dão a ver que mesmo professoras que se mostram envolvidas com o tema e com o impacto de sua falta de problematização na sociedade, parecem não conseguir pautar essas questões em suas aulas, a menos que estas sejam trazidas pelas estudantes. Por

quê? Por que falar dos animais nos espaços formativos acadêmicos ainda é tão difícil?

Não pretendemos responder tais questões, mas podemos apontar algumas pistas de fatores que contribuem com tamanha dificuldade. Para tanto, trazemos trechos do diário de campo produzido a partir da entrevista realizada entre as autoras (Mello, 2023a):

(...) Perguntei então por que ela acreditava que esse continua sendo um tema tão escasso na Universidade? Afinal as pessoas têm cachorro, as pessoas têm suas relações, essa é uma faculdade cheia de animais, cães cuidados com zelo pelos funcionários e direção, mas as pessoas (docentes da pedagogia, da biologia e da geografia) continuam, praticamente todas que entrevistei, dizendo que não falam disso, no máximo quando algum estudante puxa a questão na sala de aula, mas mesmo assim é muito raro aprofundar esse tema, propor um texto, mesmo nas disciplinas onde faria sentido que eles aparecessem muito mais, afinal de contas a escola vai trazer muito os animais. Então eu me (e te) pergunto, por que a Pedagogia não fala dos animais em nenhuma matéria? O que que você acha? Tem alguma pista? Rosi me responde: “Eu acho que a história de opressão das outras espécies, vamos dizer assim, ela vem como uma massa sedimentada historicamente. A relação com os outros seres sempre foi uma relação hierarquizada, e isso não é de agora, isso vem numa sedimentação bimilenar, até mais que isso, de abuso, e aí isso acaba não virando uma discussão. A gente vê a dificuldade de fazer as opressões emergirem no debate porque nos constrange de alguma maneira, porque nós somos os abusadores dos outros bichos. E eu acho que esse constrangimento de alguma maneira faz com que a gente se distancie. É um pouco como acontece no debate metodológico. Poucos são os professores aqui na FFP que me chamam para fazer uma discussão sobre pesquisa intervenção. Então, assim, ‘se eu não sei, eu não posso falar disso’. E nem quero dar visibilidade a isso. No que se refere à relação com os bichos, eu acho que isso ainda é bem pior, porque não é nem que eu não saiba, é quase que ‘eles não existem’ nessa possibilidade de debate acadêmico. Então o que a gente vê hoje são alguns movimentos e quase nada no campo da educação, né? Vem lá pela etologia, psicologia, vem pela antropologia, vem por outras vias, pela sociologia, mais quase nada pela educação. Por isso que seu trabalho é muito importante. Roubando aí a frase da Vinciane Despret, né, ‘as pesquisas interessantes são aquelas que tornam as pessoas interessantes’. Então acho que é um desafio problematizar essas práticas na formação de professores que vão formar outras crianças e jovens a não manter essas lógicas, né? E assim, as minhas disciplinas, elas são regadas por uma pergunta que me acompanha, vira quase que uma obsessão, que é ‘o que estamos ajudando a fazer daquilo que vem sendo feito de nós?’ Então o que a gente ainda mantém de prática opressora contra os outros animais, é porque isso não é questão pra gente. Então nós mantemos esse mundo. Enquanto isso não vira um problema, enquanto isso não faz com que a gente se inquiete de alguma maneira, com esses modos e com essas práticas, isso vai continuar como tá e aí é um desafio, sabe? Essa modulação. Porque não

é um embate com currículo. Não é um embate com aquilo que tá instituído, é um embate com essa dimensão de você lidar com a sua própria incapacidade. Com o não saber. Quando é que você se abre pra viver essa experiência de um não saber? Porque ninguém sabe essas coisas, sabe, Ana? 'Que que é especismo? Nunca ouvi essa palavra.' E ninguém quer ouvir. Porque aqui é o lugar do saber. Aqui não é o lugar do não saber. Como é que a gente suporta esse lugar do não-saber na docência? Talvez seja por aí, talvez..." Achei essa perspectiva muito interessante. "Talvez por ter tido uma criação que sempre chamou atenção para os animais, para o sofrimento deles (meu pai é vegetariano desde que eu nasci, eu me tornei com 14 anos, resgatamos vários bichos durante a minha infância), então para mim era muito óbvio e absurdo o que fazíamos com os bichos e eu sempre achei muito louco que as pessoas não enxergassem isso. E aí, por muito tempo, eu tendi a achar que isso acontecia porque as pessoas não queriam abrir mão daqueles privilégios que elas tinham, então elas não queriam olhar, sabe? Tipo, como eu vou falar disso, então eu vou ter que abrir mão de comer presunto, de comer queijo, ah, não quero, não consigo, deixa isso para lá. Eu achava que tinha a ver com isso, com uma dificuldade de lidar com esse constrangimento, de criticar algo que você faz parte. Mas hoje eu acho que vai muito além disso, tem isso também, mas tem outras coisas. Entrevistando docentes de ciências eu senti uma grande diferença da pedagogia, o que eu percebi é que na pedagogia existe esse espanto, porque ninguém fala dos animais. Na ciência se fala (de forma restrita e direcionada, mas fala) e já que vai se falar, tem que se produzir discursos que garantam a sustentação das lógicas especistas. Se eu pergunto numa turma de pedagogia se os bichos pensam, eu acho que a maioria vai concordar, mas na ciência talvez não, porque eles carregam mais fortemente uma bagagem cartesiana que encara o animal como máquina, né? Então, quando eu comecei a conversar com professores da biologia e lhes trouxe essa ideia do constrangimento que dificultaria o debate, vários colocaram que não, que a maioria está muito de boa com isso, pois acredita que cada animal tem seu papel. Então o bicho, que, por exemplo, serve para cobaia, é isso, ser cobaia é o papel dele. O animal que serve para carnes está cumprindo o papel dele, e isso é legitimado pela cultura, pela evolução e outras coisas descabidas pra mim. Então eu ouvi isso de pessoas daqui do departamento de ciência, de que muitos professores da biologia não entram nessa discussão mas não é porque se sintam constrangidos, mas porque eles não veem muitos problemas nessas relações de dominação. Por mais que a gente saiba que isso existe, eu fiquei bastante impactada ao ouvir dos professores daqui. E aí você agora você tá trazendo uma outra perspectiva para a ausência desse debate na academia, que não é nem exatamente do constrangimento com seu privilégio, nem é do conforto com a ideia de que o animal está cumprindo seu papel, mas de um incômodo em se aproximar desse espaço onde você não sabe, do não saber." Rosi complementou: "É, eu acho que isso, é um não lugar, né? Como é que a gente suporta esse não lugar? O que tem de tão perigoso nisso que a gente não pode dar um pouquinho de atenção? Você falou uma coisa aqui que eu lembrei da aula de ontem, teve uma fala de uma menina que dizia 'o papel do professor',

o papel de não sei o que... O papel é um lugar de muita identidade. Então, quando as pessoas vão lidar com o papel da ciência, com o papel do pesquisador, o papel do professor, são sempre práticas cognitivas, representacionais, que vão manter o que tá rolando ali. Vão manter mesmo, manter as metodologias, as lógicas, vão manter os processos de constituição, que já estão pré-definidos... Mas a gente tem uma proposta de pensar os modos de existência no plural, a produção de si acoplada à invenção de mundo. Então você vai podendo se deslocar dessa questão identitária do papel, pra pensar realmente a produção de um ethos. E esse exercício é que constrange a academia, a academia não vai fazer isso. Ele constrange a academia, porque a academia está na posição de quem sabe de tudo. Ao mesmo tempo, lembrando lá na 'Ordem do Discurso', que é muito bonito, o Foucault vai dizer pra gente que a educação, mesmo tendo esse lugar ritualístico, do discurso, é também o lugar onde mais se produz brecha. E aí, talvez esse exercício, ele seja um exercício também para docência, não é? É necessário falar de animais. Mais do que pensar por que falamos ou não falamos de animais na universidade, pensar que sentidos esse discurso pode proporcionar a própria vida e a existência da docência no mundo hoje? Saber menos o porquê e mais os sentidos outros que vêm no encontro com esses não saberes. E assim, eu acho que a gente precisa, na universidade, dar dispositivos para o professor suportar esse não saber, ampliar o grau de suportabilidade para isso que ele não sabe, porque ele não vai saber se relacionar com uma criança, com um jovem... Então como é que a gente lida com esses não saberes? Não é só dos bichos, são muitos não saberes na escola. E por que que a gente só tem que lidar com o saber? Acho que essa é uma questão muito potente. Então, ao falar de bichos, a gente está falando de uma cientificidade outra, essa abertura a uma certa experimentação com a vida, um certo acoplamento estrutural, lembrando aí o Varela, entre conhecer, viver e fazer. E eu acho que isso é um exercício que a gente precisa, precisa mesmo se por a fazer." Com certeza, acho que é um exercício de atenção ao agora, de abertura para o não saber que o presente pode nos produzir. (...) "E eu acho que é isso que a gente faz, quando traz esse debate para a sala, é diminuir um pouco essa distância disso que a gente coloca nesse lugar encastelado. E isso fala de uma prática estética com a vida e consigo mesmo. A gente nunca vai saber de tudo, então você diminui um pouco esse lugar da falta e se coloca no lugar de uma afirmativa de busca, de encontrar com coisas que vão te fazer pensar." (...) "Esse semestre, por conta da disciplina da pós Sujeito e Sociedade, eu li de novo 'A paixão segundo GH', essa relação da animalidade na própria obra da Clarisse Lispector que também é ressaltada lá na Maciel, toda uma relação que ela vai produzindo de alteridade e que você só constitui uma relação de alteridade porque você produz confiança nas relações. Então, talvez ali esteja uma pista importante para esse trabalho antiespecista com a escola, com a formação e com uma certa produção de uma estética mais alegre, mais intensiva e aberta àquilo que vai fazer energia. Eu acho que a universidade precisa muito disso. A escola precisa muito disso. Não dá pra gente falar numa aposta ética, estética, política, sem comportar outros múltiplos. Não só o outro humano, com suas diferenças, mas outros, sem nada depois..." Respondi: "E

comportando esse não saber, porque muitas vezes o ativista, pela sua indignação, ele pode cair num lugar de autoridade, de moralismo. E no antiespecismo é bem comum isso acontecer, porque quase sempre é uma violência muito óbvia, e aí na sua revolta você acaba entrando num lugar onde você não dialoga, onde você acha que é o detentor único do saber e as pessoas não estão enxergando. E se você está na escola lidando com as crianças, principalmente, tem que ter abertura pro campo do não saber para conseguir manter um diálogo, até porque elas sabem um monte de coisa que você não sabe realmente... Elas sabem dos animais e sabem que muitas vezes têm práticas especistas por motivos que estão muito além do que você sabe. E às vezes até do que elas sabem também. Mas essas práticas acabam se desenhando, há milênios e se apresentando para elas. Então, para problematizar essa questão ou para tentar produzir uma perspectiva de formação antiespecista, mas que também seja inventiva, ética, estética, política, tem que se lembrar o tempo todo nesse campo do não saber e ficar de boa com ele. Quando você ouve aquele aluno que puxa o cavalo na charrete, não sair pressupondo que ele está fazendo isso porque não gosta do bicho, ou porque não enxerga o animal, mas por muitas coisas que você não consegue nem se aproximar... Isso para mim foi muito importante entender, as crianças e a pesquisa me ajudaram muito a ver isso, porque eu acho que eu já fui uma militante muito mais dura, mais autoritária... E às vezes ainda sou, mas eu tento, por mais que às vezes a indignação me tome, procurar ser mais leve e entender que há muita coisa que eu não sei, e nem desconfio. E com as crianças é mais fácil, né? Com os adultos eu me irrito mais rápido (risos). Eu acho que também porque com elas é mais fácil estar no agora e porque eu sinto muito nelas essa facilidade de se transformar e com isso eu acabo me abrindo e me transformando também. E aí volta a pista que você trouxe, tudo isso só ocorre em uma relação de confiança. E para produzir uma relação de confiança a gente precisa estar nessa vulnerabilidade do não saber.” Rosi: “Talvez seja isso, né? Para produzir práticas de formação antiespecistas você precisa ampliar esse grau de suportabilidade para viver essa sua vulnerabilidade. Ninguém quer ficar vulnerável, ninguém quer estar nesse lugar. E talvez aí esteja fortaleza.” “Sim, boto fé. É isso aí, muito bom, acho que podemos fechar, adorei”. (Diário de campo, Ana Luiza Mello em conversa-entrevista com Rosimeri Dias, julho de 2023).

O diário dessa conversa-entrevista traz a abertura para o não-saber, nosso e dos outros, como uma pista para problematizar o especismo. Para romper com a arrogância acadêmica e egocêntrica que costuma estar atrelada às lógicas dominantes. Como fazer ampliar o grau de suportabilidade para viver uma experiência de problematização do especismo na formação? Que gestos mínimos são estes de confiança e abertura para o presente que nos posicionam nesta relação estreita entre saberes e não saberes, não lugar, práticas inventivas na formação, espaços de produção de subjetividade que comporte alteridade e diferença? Diante da dominante invisibilização dos animais, como fazer ver e falar práticas afetas à invenção de si e de mundos?

Atualmente leciono em uma faculdade de Pedagogia e incluo uma aula que trate do especismo seja qual for a disciplina (sociologia, psicologia, educação infantil, etc.), como pegadas ligeiramente diferentes, mas com o foco em dar a ver como são os animais, como os tratamos, como aprendemos a naturalizar tudo isso e como a escola contribui nesse sentido. No semestre passado, coloquei uma questão na avaliação pedindo que comentassem, dentre todos os temas e conteúdos que abordamos, o que acharam que teve maior impacto em sua formação e na sua atuação futura como docente. Para a minha surpresa, a ampla maioria citou a “aula sobre os animais”. Nas respostas, vários sentimentos complexos e invenções de si. Um espanto por nunca ter pensado sobre certas coisas... Ou um alívio por poder sentir o incômodo e a compaixão pelos animais sem parecer estar errada ou fraca. O que senti foi que, apesar do incômodo, há muita abertura para tratarmos desse tema, especialmente na Pedagogia. (Diário de campo, Ana Luiza Mello, 2024).

Para pensar o campo de formação de professoras é importante estarmos atentas às múltiplas linhas que se atravessam entre escola básica e universidade, entre aprendizagem e ensino, que vão muito além do que dizem as ementas e produzem as teorias. Sabemos que currículos direcionam, mas não conseguem conter o fluxo de uma aula, que é único e singular aos sujeitos envolvidos e seus contextos específicos.

Ao apostar em uma formação inventiva e antiespecista, na escola e na formação de professoras, buscamos forjar com os outros seres vivos uma alteridade radical, capaz de romper com a invisibilidade dos animais, com as definições que categorizam, subjagam e com os papéis instituídos a eles. A partir da desnaturalização destes postulados, é possível a criação de circunstâncias que produzam agenciamentos outros, capazes de abrir espaço para desmontagens e invenções de outras formas de se relacionar com os seres vivos e consigo mesmo.

Referências

- Barros, L. P. de; Kastrup, V. (2009). Cartografar é acompanhar processos, In: Passos, E.; Kastrup, V.; Escocia, L. da. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina.
- Deleuze, G. *A lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- Deleuze, G., Guattari, F. (2002). *Kafka para uma literatura menor*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Deleuze, G., Guattari, F. (1997). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. V. 4. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34.
- Deleuze, G., Guattari, F. (1995). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. V. 1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34.

- Deleuze, G.; Parnet, C. Diálogos. Lisboa: Relógio D'Água, 2004.
- Dias, R. de O. (2012). *Formação inventiva de professores*. Rio de Janeiro: Lamparina.
- Dias, R. de O. (2011). Deslocamentos na formação de professores: aprendizagens de adultos, experiência e políticas cognitivas. Rio de Janeiro: Lamparina.
- Dias, R. de O., Secron, L. P., Mello, A. L. G. D. (2024) Por entre feras, escutas e encantos: práticas de formar perspectivadas pela invenção. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, (10), p. 237-256. (DOI [10.48074/aceno.v10i24.15721](https://doi.org/10.48074/aceno.v10i24.15721))
- Dias, R. O.; Barros, M. E. B. de, Rodrigues, H. B. C. (2018). A questão da formação a partir de 'proust e os signos' - o acaso do encontro e a necessidade do pensamento. *ETD- Educação Temática Digital*. Campinas, SP, v.20 n.4 p. 947-962.
- Kastrup, V. (1999). *A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição*. Campinas: Papyrus.
- Lourau, R. (1993) *Análise Institucional e práticas de pesquisa*. Rio de Janeiro: UERJ.
- Mello, A. L. G. D. (2023a). *Antiespecismo e formação de professoras: um ensaio inventivo com diários de campo* (Tese de Doutorado em Educação, Processos Formativos e Desigualdades Sociais). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo.
- Mello, A. L. G. D. (2023b). Educação Antiespecista e a invenção de outros modos de viver. In: DENIS, L. (Org.) *Educação Vegana: Reflexões sobre a prática*. São Paulo: Editora FiloCzar.
- Mello, A. L. G. D. (2021). *Por uma formação antiespecista na escola pública* (Tese de Doutorado em Bioética, Ética aplicada e Saúde Coletiva). Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- Mello, A. L. G. D. (2021). *A formação inventiva como dispositivo para uma educação antiespecista: Uma experiência no CIEP 411 e na escola Orgé* (Monografia do curso de graduação em Pedagogia). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Mello, A. L. G. D. (2019). Desnaturalizando o especismo na escola básica. In: *VII Seminário Vozes da Educação: Resistências políticas e poéticas na vida e na educação: Regina Leite Garcia presente!* Tavares, M.T.G., Araújo, M.daS., Oliveira, D. de, Mello, L.P. de (orgs). 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, 2019, v.1, p.1932- 1943.
- Mello, A. L. G. D. (2018). Animalidades e práticas de si: Educação, Veganismo e Subjetividades. In: OLIVEIRA, F.A.G., DIAS, M.C.D. *Ética animal: um novo tempo* (p.109-126). Rio de Janeiro:NI.

- Mello, A. L. G. D. (2016). Ensaio de Desnaturalização do Especismo na Escola Básica. In: *Anais do VII Colóquio Internacional de Filosofia e Educação*, Rio de Janeiro.
- Mello, A. L. G. D. (2015). *Ensaio de desnaturalização em uma experiência de educação abolicionista* (Dissertação de Mestrado em Ensino de Ciências, Ambiente e Sociedade). Faculdade Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo.
- Mello, A. L. G. D. (2013). *Encontros e deslocamentos em uma experiência de educação ambiental no CIEP 411 e na APA do Engenho Pequeno*. (Monografia de Especialização em Educação Básica - Ensino de Biologia). Faculdade Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo.
- Mello, A. L. G. D., Dias, R. de O. (2022a). Arte ambiente alteridade: formação inventiva entre universidade e escola básica. *Fractal Revista de Psicologia* (DOI <https://doi.org/10.22409/1984-0292/2022/v34/6057>)
- Mello, A. L. G. D., Dias, R. de O. (2022b). Processos autogestionários, desobediência e formação inventiva antiespecista. Oliveira, F.G.; Insfran, F. (Orgs.) *Aprendendo a transgredir: diálogos a partir de bell hooks e Paulo Freire*. Rio de Janeiro: Ape'Ku.
- Mello, A. L. G. D., Dias, R. de O. (2022c). Formação inventiva para uma educação pública antiespecista. In: Flávia Cristina Silveira Lemos et al. (Org.). *Encontros de Michel Foucault com Gilles Deleuze e Félix Guattari: governamentalidades, arqueogenealogias e cartografias*. 1ed. Curitiba: CRV, 2022, p. 131-150.
- Mello, A. L. G. D., Dias, R. de O. (2020). Por uma formação inventiva antiespecista. In: *Revista Mnemosine*, v. 16, n. 1: Edição Especial: Dossiê Formação inventiva de professores: ensaios microfísicos, pesquisa-intervenção e estudos foucaultianos. Rio de Janeiro: EdUERJ. (DOI: DOI: 10.12957/mnemosine.2020.52692)
- Núñez, G. (2019) Descolonização do pensamento psicológico. *Plural: valorização profissional em tempos de 'novas' práticas em Psicologia*, Florianópolis, p. 06 – 11.
- Oliveira, F.A.G. (2021) Especismo Estrutural: Os animais não humanos como um grupo oprimido. In: Parente, A.; Danner, F.; Silva, M.A. da. (Orgs.) *Animalidades Fundamentos, aplicações e desafios contemporâneos*. Porto Alegre: Editora Fi.
- Rocha, M. L.; Aguiar, K. (2003) Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. *Revista Psicologia Ciência e Profissão*, nº 4, ano 23.

Rosendo, D. (2017) Ecofeminismo Queer: Reflexões sobre uma teoria política não binária. *Revista Latinoamericana de Estudios Críticos Animales*, v. I, p. 16-33.

ANA LUIZA GONÇALVES DIAS MELLO

Doutora em Educação pelo Programa de Pós graduação em Educação, Processos Formativos e Desigualdades Sociais (PPGEdu) da UERJ (2023). Doutora em Saúde Coletiva pelo Programa de Pós-graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva (PPGBIOS) da UFRJ/UFF/UERJ/FIOCRUZ (2021). Possui Mestrado Acadêmico pelo Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências, Ambiente e Sociedade (UERJ-FFP-2015); Especialização Lato Sensu em Educação Básica - Ensino de Biologia (UERJ-FFP- 2013); graduação em Medicina Veterinária (UFF - 2008); graduação em Ciências Biológicas - Licenciatura Plena (UNIVERSO - 2011); graduação em Pedagogia (UNIRIO - 2021) e formação Técnica Profissional em Conservação e Gerenciamento Ambiental pelo Instituto Federal do Rio de Janeiro - IFRJ (2003). Professora de Ciências nas Redes Municipais de Educação de São Gonçalo (RJ) e Saquarema (RJ); Professora Adjunta no curso de Pedagogia da Universidade de Vassouras (Polo Saquarema). Bolsista de Apoio Técnico da Oficina de Formação Inventiva de Professores da UERJ. Bolsista e supervisora PIBID/CAPES. Editora executiva da Revista Interinstitucional Artes de Educar (RIAE) e da Revista Latinoamericana de Estudios Críticos Animales (LECA)

ROSIMERI DE OLIVEIRA DIAS

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1990), Mestrado em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1998) e Doutorado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2008). Fez Estágio de Pós Doutorado na Universidade Federal do Espírito Santo (2017), com Maria Elizabeth Barros de Barros. É Professora Titular do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação: Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo da UERJ. Procientista da UERJ desde 2012. Jovem Cientista do Nosso Estado/FAPERJ (2016/2019). Editoria da Revista Interinstitucional Artes de Educar. Coordenadora do Grupo de Pesquisas Oficinas de Formação Inventiva de Professores - OFIP/CNPq, desde 2009. Autora de diversos artigos e dos Livros "Deslocamentos na formação de professores: aprendizagem de adultos, experiência e políticas de cognição" e "Formação inventiva de

Invisibilidade dos animais na educação básica e na formação de professoras

Ana Luiza Gonçalves Días Mello, Rosimeri de Oliveira Días

professores"; "Entre analisar e intervir na formação de professores"; "Escritas de si" e "Ordens do discurso". Membro do GT Políticas de subjetividade da ANPEPP. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em estudos Foucaultianos, atuando principalmente nos seguintes temas: políticas cognitivas, aprendizagem de adultos, produção de subjetividade, experiência, arte, estética da existência e formação inventiva de professores. Coordenou a Regional Sudeste do Fórum de Editores de Periódicos de Educação - FEPAE/ANPED (2019/2021). Foi Vicecoordenadora do FEPAE-Nacional/ANPED (2021/2023). É Coordenadora do FEPAE-Nacional/ANPED (2023/2025).